

**Os discípulos de Emaús:
a presença-ausência de Jesus
(cf Lc 24, 13-35)**

Os discípulos de Jesus são o germen a partir do qual o povo escatológico de Deus se reunirá no tempo novo que se inicia com a ausência de Jesus, pois são as testemunhas do que Deus realizou nEle. Por isso a Eucaristia é a Igreja, isto é, o lugar onde a pessoa histórica de Jesus se ausenta e desaparece para dar lugar a um povo novo, convocado pelo Pai para o Seu Reino, e tornado corpo com o Seu Filho crucificado-Ressuscitado pelo poder transformador do Espírito Santo.

A Igreja nasce precisamente da experiência pascal dos discípulos que Jesus preparou para viverem o tempo da Sua ausência como o tempo em que se realiza o mistério=plano de Deus de que Ele foi o Profeta, a Testemunha e a Recapitulação escatológica no mundo=cultura(s).

Tal como os discípulos de Emaús, a nossa relação com Jesus crucificado-Ressuscitado, mergulhada na(s) culturas, não acontece no ver e no tocar, mas na escuta da Palavra e no partir do Pão.

REINO:

Se a Igreja nasce da fé em Jesus, o Senhor, ela recusa-se a entrar no sonho gnóstico: é que Jesus, o Senhor nem é uma pura palavra de salvação nem a revelação de um "mundo" totalmente diverso do "mundo" presente e de uma criação totalmente diversa da criação presente. A Igreja é escatológica tal como o seu Senhor: daí a grande importância dos Sinópticos = "recordar" a história terrena do Senhor Ressuscitado, isto é, incarnar a sua senhoria neste "mundo", dando contornos precisos e concretos ao Nome da Salvação, ao ideal de vida; em suma: o anúncio da ressurreição é colocado no âmbito concreto e terreno da vida de Jesus e da sua pregação cujo "coração" foi o Reino. A Igreja forma-se a partir da fé no Ressuscitado que foi crucificado e o seu "destino" não pode deixar de coincidir com as perspectivas do Nazareno que, antes de ser morto e ser ressuscitado, traçou para a Igreja o caminho (= Sermão da Montanha: Mt 5-7) na e da história.

EUCARISTIA:

entre o Reino e o "Mundo"

vida terrena de Cristo Jesus ← ÚLTIMA CEIA → vida glorificada de Cristo Jesus
(Eucaristia)
(presença -
- ausência de
Cristo Jesus)

1ª vinda de Cristo Jesus ← IGREJA → última vinda de Cristo Jesus
(Eucaristia)
(presença -
- ausência de
Cristo Jesus)

"MUNDO" [= CULTURA(S)]:

Igreja: "sacramento universal de salvação"¹;

Igreja -"Mundo": polivalências e ambiguidades;

Igreja: sem ser do "mundo" → **Cruz** perante o "mundo" (= sistema de vida, com leis e critérios marcados pelo pecado), integrando o sofrimento e a morte à luz e ao jeito de Jesus de Nazaré crucificado, sendo "poder" a favor dos que não têm poder, "mártir" de Jesus, o Senhor, na gratuidade, na "loucura", na "inutilidade" (*contemplação, vivendo no "mundo" com a espiritualidade do êxodo*) - o seu destino é universal, mas a confissão de fé é necessariamente discriminatória: *ou se aceita Jesus como Senhor ou se recusa;*

estando no "mundo" → **Ressurreição** perante o "mundo" (= criação na sua realidade ontológica, com os seus valores e ambiguidades), dialogando, amando e buscando as "semina Verbi"², germens duma comunhão universal³, sabendo não ser o monopólio da salvação, antes e sempre serviço, sacramento, testemunho, "diaconia"; assim, o axioma "extra ecclesiam nulla salus" pode traduzir-se: "fora de Cristo não há salvação" ou, como o fez o CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II de forma positiva: "Igreja, sacramento universal de salvação"

* nesta perspectiva deve ver-se a relação da Igreja

- com as ideologias sociais e políticas → política = Jesus é o Senhor (*entretanto não se faz acção política apenas com afirmações de valor: é necessário "sujar as mãos"*)
- e com as outras religiões.

¹ Cf LG 48.1.

² Cf GS 1, 34.38.39.44.

³ LG 2: "Igreja desde Abel" da PATRÍSTICA - dimensão cósmica.

Presença pública - cristãos de presença e cristãos de mediação

Cristãos de presença procuram promover obras próprias - o perigo pode ser o de fazer ressurgir novos esquemas de cristandade (Igreja "fortaleza").

Cristãos de mediação procuram misturar-se com os outros cidadãos em espaços abertos a todos - o perigo pode ser o de ocultar a referência cristã explícita na(s) cultura(s).

São dois modos complementares da presença dos cristãos(ãs) na(s) cultura(s), partindo da convicção de que a fé cristã, por causa do Evangelho, não pode ser privatizada, não fugindo, por isso, de estar na(s) cultura(s).

Esta complementaridade torna-se evidente ao falarmos de cristãos(ãs) de *mediação com presença* através:

- da presença activa pública dos cristãos(ãs) nos organismos que intervêm na configuração da política, da economia, da sociedade, no fundo, da(s) cultura(s);
- da produção e criação cultural a partir do Evangelho (uma cultura das bem-aventuranças);
- do anúncio explícito do Deus de Cristo Jesus.

Pastoral de Cristandade (neo-cristandade, cristianismo sociológico)

Hoje verifica-se que, em muitos casos, nas nossas gentes não havia muita fé ou que a sua fé era muito fraca.

Tem-se querido cultivar intensamente esta grande massa de baptizados e organizá-la de mil maneiras.

Para manter este aparato lançaram-se os suportes adequados e deu-se prioridade à organização, à lei e ao direito que influenciam inclusive a teologia e, sobretudo, a moral, ficando de lado a evangelização ou o apelo à fé.

Esta consciência de se sentir católico e de ter abundância de recursos, sobretudo de agentes de pastoral, faz que nos preocupemos com a evangelização de outros continentes, mas não com a nossa própria evangelização. Perdemos, assim, na nossa pastoral o sentido missionário e evangélico, confiados em que a graça abundante da vida sacramental suscite e alimente a fé.

A Igreja aparece segura de si mesma. Não há pastoral dos afastados, porque são eles que têm de vir ao encontro da verdade. Mas a pouco e pouco, vão sendo mais os que estão longe e muito longe: os operários, os jovens, os intelectuais, os migrantes...

Este estilo de pastoral fortalece as cúpulas, a hierarquia, os bispos, os padres. Domina o sacramental, próprio dos ministros hierárquicos, em detrimento, para a vida da Igreja, da participação dos leigos, que ficam reduzidos ao papel passivo de receber: receber o mandato na Acção Católica, receber orientações, receber sacramentos. E qualquer declaração dos grupos apostólicos de leigos deve estar medida e controlada imediatamente pela hierarquia. É a época da identificação da Igreja com a hierarquia e em que as relações dentro da Igreja são predominantemente verticais.

O mundo do progresso, da técnica, do saber é visto com receio e considerado como rebelde na medida em que vai crescendo e descobrindo a sua autonomia, tentando sair da órbita do religioso (= secularização).

Pastoral Missionária (diáspora=dispersa)

As coisas mudaram e vão mudando. A Igreja tomou uma direcção diferente, sobretudo a partir do Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965): "este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura" (LG 1).

A teologia da(s) cultura(s) ocupa um lugar central:

1) a Igreja quer assumir a(s) cultura(s) - note-se o paralelismo da citação seguinte:

"as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, especialmente dos pobres e de todos aqueles que sofrem,

são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo;

e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração" (GS 1);

- 2) a Igreja não se considera a única benfeitora da(s) cultura(s); reconhece que esta(s) também a beneficiam (cf GS 44);
- 3) a Igreja respeita a(s) cultura(s) na sua legítima autonomia (cf GS 36). A Igreja não despreza o profano, antes afirma que o único profanador é o pecado: "o pecado diminui o homem impedindo-o de atingir a sua plena realização" (GS 13). Este "aggiornamento" da Igreja não é uma mudança provisória, de circunstância, mas é algo de essencial, fundado no seu próprio ser e missão. A Igreja quer recuperar o seu dinamismo missionário, porque só assim é "sacramento do mundo=cultura(s)" na fidelidade ao Espírito;
- 4) o Espírito orienta hoje para uma *Igreja mais pobre* e impele-a a ser ela mesma pobre e a servir os pobres. O Espírito orienta-a para uma Igreja de serviço;
- 5) a Igreja redescobre a comunidade, a *co-responsabilidade*, os diversos carismas e ministérios para o serviço do corpo e da missão (cf. LG III): "para que o serviço seja uma realidade é imprescindível a criação de comunidades anunciadoras do Evangelho" (EN).

1. Sois a semente que há-de crescer,
Sois a estrela que há-de brilhar.
Sois o fermento da terra e o sal,
Luz nova para iluminar.
Vós sois o sol da manhã a nascer,
Sois a espiga que há-de crescer.
Vós sois no mundo denúncia do mal,
Profetas que vou enviar.

2. Sois uma chama que há-de acender
Esplendores de fé e amor.
Sois os pastores que hão-de guiar
O mundo por sendas de paz.
Sois os amigos eleitos de Deus,
Sois palavra que deve gritar.
Sois reino novo que há-de gerar
Justiça, paz e amor.

**IDE, AMIGOS, PELO MUNDO ANUNCIANDO O AMOR,
MESSAGEIROS DA VIDA, DO PERDÃO E DA PAZ.
SEDE, AMIGOS, TESTEMUNHAS DA MINHA RESSURREIÇÃO,
SEDE MINHA PRESENÇA: EU CONVOSCO ESTAREI.**

António Samelo

SIGLAS:

- EN - *Evangelii Nuntiandi* (Exortação apostólica sobre a Evangelização hoje de PAULO VI).
- GS - *Gaudium et Spes* (Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo actual do CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II).
- LG - *Lumen Gentium* (Constituição dogmática sobre a Igreja do CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II).